



Rolos, esquemas e negócios: uma análise da prática de agiotagem nas periferias de São Paulo

Autora: Fernanda de Gobbi

Orientador: Daniel Veloso Hirata

Empréstimo de quantias de dinheiro -> Troca de cheques -> Adiantamento de crédito

Rede: Uma das características centrais da prática de agiotagem é a sua composição, como um sistema ou uma rede que fornece uma estrutura, uma espécie de “quadro de relações” que tece conexões com a polícia, o comércio local, a família, a vizinhança e o crime.

Regras: 1) não emprestar dinheiro para quem está *quebrado* 2) não emprestar mais do que R\$10.000 de uma só vez 3) receber algumas parcelas de pagamento de juros antes de fazer um novo empréstimo 4) a princípio, troca-se apenas um cheque ou adianta-se uma quantia pequena de crédito

Garantias: Quando os empréstimos ultrapassam os R\$10.000, o acordo é diferente. Neste caso, há alguma garantia que vale mais do que o valor do empréstimo. Pode ser uma casa ou um carro que no momento do empréstimo é passado para o nome do agiota, ou até mesmo mercadorias e serviços – que são usadas tanto para garantia quanto para o pagamento das dívidas.

Cobranças: As *cobranças na rua* acontecem quando o agiota mobiliza a sua rede para ‘cobrar’ um cliente, ou um *caloteiro*, que tem uma dívida que não foi paga e não foi renegociada. Essas ‘cobranças’ iniciam, por um lado, um confronto com os caloteiros e, por outro, uma aliança com o PCC e com os *bandidos do bairro* (atores ‘envolvidos’ com as práticas criminais, mas não necessariamente membros do coletivo criminal).